

Apontamentos sobre a conservação de sementes crioulas no Norte de Minas Gerais

Notes about local seeds conservation in the North of Minas Gerais, Brazil

OLIVEIRA, Érica¹; NOGUEIRA, Mônica²; PEREIRA, Abilio³

1 Faculdade UnB Planaltina, lobato.ERICA1@gmail.com; 2 Faculdade UnB Planaltina, celeida@unb.br; 3 consultor; abilioviniciusmlm@gmail.com

Resumo

O presente trabalho dedica-se a relatar iniciativas locais de conservação e armazenamento de sementes crioulas em duas comunidades de agricultores familiares do Norte de Minas Gerais com privilégio para o armazenamento das sementes em paiol realizada na própria unidade produtiva do agricultor. Os casos indicam uma persistência cultural que revela a racionalidade para conservação destas sementes. A dispersão das sementes na e entre comunidades revelou-se como uma estratégia importante para garantir a existência das variedades crioulas, acompanhada de monitoramento das unidades produtivas. Bancos de germoplasma regionais revelaram-se outra possibilidade de ação para garantir o acondicionamento técnico apropriado das variedades.

Palavras-chave: Agrobiodiversidade; agricultoras/es familiares; armazenamento; conservação *on farm*.

Abstract

This work describes the process of storing and conserving local seeds by two family farmers' communities in northern Minas Gerais, emphasizing the use of small storehouses built up in the farmer's own production unit. The cases indicate a cultural persistence that reveals the rationality for conservation of these seeds. Seed dispersal in the community and between communities became an important strategy to ensure the existence of local varieties. The monitoring of production units is also important for that. Regional germplasm banks proved another possibility to ensure the appropriate technical for stowage of varieties.

Keywords: Agrobiodiversity; family farmers; storage of varieties; *on farm* conservation.

Contexto

Existem diferentes estratégias de produção e multiplicação de sementes crioulas, como ensaios e campos de sementes, programas de melhoramento participativo, festas e feiras de sementes, estabelecimento de redes de trocas locais, casas ou bancos de sementes, dentre outras (REIS, 2012). Designa-se como conservação *on farm* a conservação de variedades realizada por agricultores em suas unidades produtivas. Essa forma de conservação possibilita o alcance de alto grau de evolução e adaptabilidade das variedades, estando inseridas não só na adaptação contínua no espaço, mas também no tempo, como demonstram Boef *et al.* (2007).

Dentre as estratégias de conservação *on farm*, as casas de sementes têm sido uma das mais difundidas no Brasil, desde a década de 1970. Estas estruturas são geridas por organizações de base comunitária, que visam à autossuficiência agricultora no abastecimento de sementes de espécies vegetais importantes para a agricultura local e para a vida da comunidade. O Norte de Minas se destaca como região de referência pela forte articulação dessas experiências com o campo de resistência organizada às frentes de degradação do bioma na região. Entre as décadas de 1970 e 1990, o Norte de Minas sofreu com o desmatamento de diversas nascentes para a produção de carvão vegetal e posterior plantio de maciços de eucaliptos. Neste contexto, as cabeceiras de diversos córregos foram desmatadas e, conseqüentemente, assoreadas causando devastador impacto nos cursos d'água.

Visando combater esse panorama de devastação do meio ambiente, desde a década de 1980,

atores sociais presentes na região, entre segmentos da Igreja Católica, Sindicatos de Trabalhadores Rurais e organizações não governamentais vêm se articulando em torno de ações de resistência (NOGUEIRA, 2009). As casas de sementes integram esse conjunto de ações, mais fortemente a partir de 2010. Desde então, foram implementadas 27 casas de sementes na região norte de Minas Gerais e no Vale do Jequitinhonha, por meio do projeto Seriema, uma parceria estabelecida entre Cáritas Regional MG, Centro de Agricultura Alternativa do Norte de MG e Banco do Nordeste. Sete dessas casas encontram-se na região focalizada neste artigo, entre os municípios de Januária, São Francisco e Chapada Gaúcha.

As casas de sementes são espaços de armazenamento de sementes localizadas em comunidades rurais, que funcionam sob gestão coletiva, tendo por objetivo guardar as sementes crioulas de cultivo ancestral na comunidade e/ou selecionadas por esta. Assim, funciona como importante estratégia de conservação das sementes preservando o patrimônio genético local. Exerce um fundamental papel econômico por meio de empréstimo realizado em âmbito comunitário, garantindo um sistema socialmente justo de aquisição de sementes, frente à dependência e ao alto custo com sementes fabricadas por empresas transnacionais.

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é apresentar iniciativas locais de conservação da agrobiodiversidade, por meio do armazenamento de sementes crioulas em paiol, que garantem a lógica agricultora de manejo de sementes crioulas.

Descrição da experiência

A presente pesquisa teve caráter qualitativo, sendo entrevistadas 17 famílias agricultoras. Como método de coleta de informações, utilizou-se a observação direta e a aplicação de entrevistas semiestruturadas. Foram visitadas duas comunidades no Norte de Minas Gerais: Barra do Tamboril, município de Januária e São Martim, em São Francisco. Ambas as comunidades encontram-se às margens do rio Pardo, afluente do rio São Francisco.

Em razão do contexto apresentado, a pesquisa que deu origem a este relato previa realizar um estudo de caso, focalizando a “Casa de Sementes da Gente” da comunidade de Barra do Tamboril. A Casa de Sementes tem como raio de atuação direto a comunidade de Barra do Tamboril, atendendo indiretamente as comunidades vizinhas. Entretanto, ao longo das entrevistas e visitas às famílias verificou-se a importância dada por elas à prática de guarda das sementes em sua própria residência. Durante a pesquisa foram levantados diversos casos de pessoas que guardam sementes na unidade produtiva, com destaque para seu Élcio e seu Silvério.

Casos

Seu Élcio é nascido e criado na região do Capoeirão, que compõe a comunidade de Barra do Tamboril. Vivia no lote herdado dos pais, que foi depois dividido com os irmãos. Em 2000, ele e Isaura, sua esposa, adquiriram uma terra em local próximo ao lote herdado, onde destinam três hectares para a produção de milho. Seu Élcio participou durante dois anos da Casa de Sementes da comunidade, mas deixou a casa devido ao grande volume de trabalho que demanda sua propriedade. Possui duas variedades de milho de sua preferência: palha roxa e asteca. Selecionadas ao longo dos anos, conforme o gosto e a qualidade que têm. A variedade asteca é utilizada como ração para os animais e a palha roxa para silagem. Ele vangloria-se de não gastar dinheiro comprando ração, tampouco sementes para plantar – mesmo com a avassaladora seca dos dois últimos anos, “afinal de um caroço você faz uma roça, né?”, como ele mesmo aponta. O

milho é plantado de modo a não haver cruzamento entre as variedades, sendo também guardados em paióis específicos.

Seu Silvério vive na comunidade chamada São Martim, distante poucos quilômetros de Barra do Tamboril. Seu Silvério é natural da região, bem como seus pais e avós. Sobre a procedência da variedade de milho usada, que a família chama de sabuguinho fino, revela “é gerado por aqui mesmo e vem passando de tradição a tradição”. Já vendeu, doou e trocou muitas de suas sementes em todo esse tempo. As sementes não passam por seleção em campo, mas seu Silvério realiza o armazenamento das sementes de modo distinto, de acordo com o uso de cada uma. Assim, o armazenamento das sementes que serão destinadas aos plantios se distingue daquele aplicado às espigas que serão usadas como ração. As sementes das variedades de milho, de seu Silvério, que se destinam ao plantio, são guardadas debulhadas em um galão plástico, vedado por um saco plástico na boca, a fim de proteger da umidade. O milho para ração permanece na palha, em tambores de ferro cobertos com sacos de ráfia. Ambos são armazenados em paiol.

Seu Élcio e seu Silvério, assim como outros agricultores entrevistados fazem menções constantes ao *milho de paiol* quando discorrem sobre as espécies de milho crioulo que manejam. Não por acaso. A expressão nos remete ao uso tradicional das sementes, quando eram guardadas nessas estruturas próximas às residências, conhecidas como paiol. As sementes e grãos com fins para alimentação humana e animal, ou mesmo para comercialização, onde permanecem sendo armazenadas, mesmo após o advento das casas de sementes, denotando a persistência cultural.

Resultados

Dentre as estratégias de conservação de sementes, o armazenamento em paiol não é considerado seguro, pois apresenta fragilidades frente a conservação e manutenção da semente. A falta de controle em relação à exposição à umidade e roedores são alguns riscos. Outro problema apresentado é a maior possibilidade de perda das variedades, pois o monitoramento destas torna-se mais difícil no modo coletivo, dada a dispersão geográfica das estruturas de armazenamento. Por outro lado, a persistência do armazenamento nos paióis aponta para uma questão espacial crucial nas comunidades: as distâncias e condições de locomoção dos agricultores. Se a centralização do armazenamento nas casas de sementes favorece o controle e a gestão coletiva da conservação, por outro lado, ela impõe desafios de mobilidade e compatibilização das rotinas da própria casa de sementes e das unidades produtivas de cada família. A “lida na roça” é um trabalho árduo que demanda tempo e dedicação. Sair da unidade produtiva representa um gasto de um bem bastante precioso ao agricultor: o tempo. Não raramente, as agricultoras e agricultores opõem as exigências da lida na roça com as tarefas no “mundo de fora” tais como: missa/culto, reunião da associação, compra na venda, ida ao posto médico e alguma eventual visita a familiares ou vizinhos. A manutenção de algo que esteja fora de sua lógica produtiva interna torna-se, em alguns casos, um peso.

Conclusões

A partir da análise destes casos, verificamos algumas possibilidades para garantir um armazenamento eficaz das sementes na unidade produtiva, como também ações regionais para que não ocorra perda de variedades, visando a conservação destas. Em alguns casos, armazenar sementes na própria residência pode ser algo bastante rudimentar, sendo necessário criar estratégias de manutenção do patrimônio genético, que considerem a lógica de agricultoras e agricultores, mas também garantam a sua compreensão quanto aos riscos à conservação e como

proceder para melhor acondicioná-las. Aliada ao processo de armazenamento está a temática de disseminação das sementes, onde criar estratégias de “espalhar” as variedades entre comunidades faz com que se tenha maior alcance destas e se atinja a capacidade de resgatá-las em eventuais casos de perda, como secas prolongadas. Visando amenizar situações nas quais possam se perder as variedades crioulas, propõe-se ação aliada à disseminação com o monitoramento das unidades produtivas que cultivam e guardam espécies crioulas, como possibilidade de rastreamento destas. Utilizando método participativo de levantamento das variedades realizado coletivamente e mantido registro para monitoramento pelas instituições técnicas de apoio às comunidades, com livre acesso a estas. Para uma conservação das sementes com maior controle no armazenamento e garantindo maior durabilidade, a estrutura de casas de sementes como bancos de germoplasma regionais geridos por instituições técnicas pode ser uma opção que respeite melhor à lógica agricultora, inserida de modo a fortalecer a perspectiva de construção de um processo de resistência às sementes híbridas e transgênicas. E além, na afirmação de um modelo de contraposição ao denominado convencional, pautado na afirmação das práticas rurais tradicionais.

Referências bibliográficas

BOEF, W. S. **Biodiversidade e Agricultores**: fortalecendo o manejo comunitário. Porto Alegre: L&PM, 2007.

NOGUEIRA, M. C. R. **Gerais a dentro e a fora**: identidade e territorialidade entre os Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

REIS, M. R. **Tecnologia Social de Produção de Sementes e Agrobiodiversidade**. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília, 2012.



Figura 1. A) Sementes da variedade asteca no paiol de seu Élcio. B) Sementes da variedade sabugo fino, armazenadas por seu Silvério.